

Santo Tirso – 28 de Janeiro

No século III, viveu no médio oriente, Tirso que deixou o seu testemunho de fé, assinalado pelo martírio. Terá nascido em Cesareia e martirizado em Apolónia, na Bitínia.

O antigo martirologio romano assinala a memória de Santo Tirso em 28 de Janeiro, juntamente com os companheiros de martírio, Lêucio e Calínico e outros convertidos que, por ordem do imperador romano Décio, na perseguição aos cristãos do ano de 250, depois de muitos tormentos, foram degolados.

Um dos oficiais do imperador apresentou-se em Cesareia da Bitínia para executar o edito promulgado contra os cristãos. Lêucio, um dos principais do lugar, aproximou-se dele e enfrentou-o, reprovando-lhe a devoção aos ídolos. Imediatamente foi castigado por isso, com toda a espécie de tormentos e, por fim, decapitado.

Quando o oficial se ia embora, ergueu-se um lutador célebre, chamado Tirso. Pasmado com audácia de Lêucio, enfrentou o governador e censurou-lhe a idolatria. Não suportando o atrevimento, o governador, imediatamente o entregou aos verdugos. Foi torturado com correias finas que lhe apertavam mãos e pés e os polegares com violência. Mas Tirso manteve-se sereno e burlava dos próprios verdugos e do governador, de tal modo que, enfurecidos, lhe arrancaram os sobrolhos, a fim de que todos se rissem dele, pela estranha figura em que ficou.

Como a tudo resistisse valorosamente, sentiam-se malogrados. Por isso, não conseguindo atingir os seus propósitos, o governador ordenou que lhe cortassem as mãos e o açoitassem sem piedade e lhe lançassem chumbo quente e derretido. Tirso confiou e encomendou-se a Deus com fervorosa oração que Deus veio em seu auxílio e o chumbo caído nas suas carnes, evaporando-se, caiu sobre os seus inimigos.

Depois disso, atormentaram-no com ferros afiados, rasgando as suas carnes e retalhando os seus membros. Implorando o Senhor, logo desceu um clarão do céu que o envolveu e uma voz celeste o confortava e incitava a sofrer. Nisto, tremeu a terra e o lugar onde estavam. Mesmo assim, Cobricio não se importunou e considerou ser um mero efeito de artes mágicas.

Então enviaram-no preso para Nicomedia e Cobricio foi substituído por Silvano. Nessa noite, apareceu-lhe um anjo que o curou e o libertou das correntes, encaminhando-o ao lugar onde se escondia o santo bispo Biseas, a fim de satisfazer o desejo de ser baptizado.

Depois de baptizado, voltou a ser preso e Silvano ordenou que o levassem ao templo de Apolo para sacrificar aos deuses. Porém, orando a Deus, o ídolo caiu e esfrangalhou-se em pedaços. Ora, um grande sacerdote dos ídolos, chamado Calínico, que aí residia, converteu-se e foi decapitado com outros quinze sacerdotes que seguiram o seu exemplo.

O novo governador ficou furioso e mandou que trouxessem uma tina de água e nela afogassem a cabeça de Tirso, enquanto outros o chicoteavam e açoitavam cruelmente, para que deixasse de blasfemar contra os deuses.

Mas, como tudo suportasse com paciência e serenidade, foram buscar uma roda com dentes agudíssimos, como navalhas, para o triturar. Silvano, entretanto morreu, em castigo da sua crueldade.

Tirso foi levado para Apameia e daí para Apolónia. Veio Asclepio, com a intenção de continuar e redobrar a tortura. Morreu também na noite seguinte. Mas a terra recusou também receber aqueles corpos de cruéis e brutos tiranos e lançou-os fora das sepulturas. Mas Tirso, com o poder da oração, não consentiu, à terra, tal disposição.

Veio outro governador, chamado Bando, e continuou a mesma crueldade. Com o intento de pôr fim à vida de Tirso, mandou que o lançassem às feras. As feras, entretanto aproximaram-se dele e nem sequer o beliscaram, antes, reverenciando, se acomodaram com brandura, junto dele.

Nada conseguindo, o governador ordenou que o serrassem a meio. Tal operação foi muito demorada, porque o ferro não queria entrar naquelas carnes, por mais força que o verdugos empregassem.

Então, Tirso, entregou com alegria a alma a Deus que sempre o ouvira e lhe dera tanta força e coragem para suportar todos tormentos.

Morreu em 28 de Janeiro de 254, em Apolonia do Ponto, para onde tinha sido levado. O Martirológio Romano faz memória dele neste dia, com os dois mártires que com ele padeceram, Lêucio e Calínico e todos os outros martirizados.

Nos finais do séc. IV foi trasladado de Apolonia a Constantinopla. O seu culto divulgou-se no Ocidente. O martirológio romano antigo marcou a sua memória para 28 de Janeiro.

Iconografia

Homem novo, com cabelo e barba, túnica azul e manto vermelho, segurando na mão a serra, instrumento do seu martírio e o livro na mão esquerda, junto ao peito, testemunho da sua confissão de Fé.

Patrocínio

Certamente, estas representações apelavam para a fortaleza com que tudo suportou, incitando os fiéis a estar activos nos tempos difíceis da reconquista, quando o culto se iniciou e desenvolveu na Península Ibérica. Pode perceber-se que outros motivos interessavam os devotos que nele viam um protector para diverso tipo de doenças incuráveis de olhos ou de ventre; ou o escolhiam as associações profissionais relacionadas com a metalurgia e o abate de árvores, etc. Hoje foi eleito patrono da saúde mental e do foro neurológico.

Difusão do culto

O culto a este santo mártir, naturalmente, começou no médio oriente. Daí se expandiu. Refere-se a construção de uma basílica, no séc. IV, em Constantinopla e outra igreja no séc.VI, dedicada pelo imperador Justiniano. Pelo séc. V começou a divulgar-se no norte de Itália. A sua *Passio* (relato do martírio) correu depressa e divulgou-se em Espanha e, conseqüentemente, o seu culto. A sua expansão pelo território que havia de ser Portugal, terá seguido a orientação da reconquista, de norte para sul. Há quem defenda que Toledo terá sido o 1º lugar de irradiação (e que alguns apontam até como lugar de nascimento do santo... talvez do nascimento da devoção a Sto. Tirso, entre nós). Um hino de Perez de Urbel, dedicado ao santo, refere a ocupação dos mouros com a metáfora "*jugo que oprimia os fiéis*". Foram levadas relíquias de Toledo para Oviedo e Afonso Magno (866) dedicou uma basílica ao santo. Entretanto, numa lápide, descoberta na igreja de Santa Maria de Mérida (1947), com data de 627, em que se referem as relíquias de vários santos e mártires, debaixo do altar, é nomeado Santo Tirso. Uma oração da missa, decalcada sobre a *Passio*, aponta o milagre do chumbo derretido que, lançado sobre a cabeça do santo, entrou em ebulição, subiu aos ares e foi cair sobre os seus inimigos.

Sem dúvida que o culto em Mérida foi muito forte, neste tempo de aflição da reconquista. Uma outra oração fala de "*dívida de amor*" em contraponto com "*graça de especial patrocínio*". Julgamos que foi a reconquista que introduziu ou desenvolveu o culto a santo Tirso, ao menos entre nós. Hoje está adormecido. Conserva-se como patrono da paróquia de Paramos (Espinho), foi florescente em Meinedo (patrono, posteriormente substituído por Santa Maria, no mistério da Assunção) e é lembrado em Santo Tirso (patrono, no tempo dos monges, substituído pela Senhora da Assunção e, após o "mata-frades", séc. XIX, cedeu, em 1873, para Santa Maria Madalena).